

**A ESCRITA E A ESCUTA DE *BICHOS*, DE RONALDO
SIMÕES COELHO
WRITING AND LISTENING TO ANIMALS, BY RONALDO
SIMÕES COELHO**

Nilo da Silva Lima
Titular da Cadeira nº40
Patrono: Oranice Franco

Resumo: O Objetivo deste artigo é apresentar uma análise do livro *Bichos* (2009), de Ronaldo Simões Coelho com ilustração de Ângela Lago, ressaltando a escrita e a escuta como espaço poético da criação, da imaginação e do pensamento crítico da criança, que se faz tanto pela palavra (poesia) quanto pela ilustração (imagem). Sob este olhar, ou por esta visitação, quer-se destacar a leveza, a exatidão e a liberdade como fundamentos da linguagem poética criada pelo livro.

Palavras-chave: Literatura infantil. Liberdade. Cria o.

Abstract: The purpose of this article is to present an analysis of the book named *Animals* (2009), by Ronaldo Simões Coelho illustrated by Ângela Lago, by featuring writing and listening as a poetical room for creation, imagination and child's critical thinking, which is done by word (poetry) as well as by illustration (image). Under this view, or through this revisit, it is intended to highlight the lightness, the accuracy and the freedom as fundamentals of the poetic language created by the book.

Key words: Children's Literature. Freedom. Creation.

A criança que a pessoa conserva dentro de si permite que ela se transforme num artista, num ser criativo.

(Ronaldo Simões Coelho)

Da contramão de certo preconceito de que a literatura infantil ainda é alvo, Ronaldo Simões Coelho (1932), natural de São João del-Rei, escritor de reconhecimento nacional e internacional, com mais de quarenta títulos publicados, muitos deles, como é o caso específico de *Bichos* (2009) tendo sido premiado no Brasil e no exterior, como Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional de 2009 e indicado em 2010 para o Prêmio Jabuti na categoria Infantil, vem produzindo uma vasta obra que tem acenado, cada vez mais para o rigor, a seriedade com que se deve fazer literatura infantil. Tanto para fazer, escrever quanto para fazer peculiar aos estudiosos.

Sua obra se caracteriza, sobretudo, pela simplicidade que, ao contrário do que se pode pressupor, é absolutamente diferente de facilidade. Antes, por se tratar do grau maior de toda arte, prova o rigor exigido na sua produção, em todos os seus projetos de escrita, primando-se por uma poética, cujos elementos fundamentais são: a leveza, a exatidão e a liberdade, ressaltando, todavia a capacidade e a inteligência da criança na formação de seu pensamento crítico.

Ao longo da própria historiografia literária, no que diz respeito diretamente à literatura infantil, o que se tem notado é que a produção deste texto supõe sempre a realização, não de uma escrita isolada, mas de um projeto que implica o texto escrito, porém, que não pode e não tem deixado de prescindir da ilustração como componente indispensável à sua recepção. Portanto, ao texto, alia-se o projeto texto e o projeto gráfico, como um único projeto, que deve ser lido com uma poética, cujos elementos precisam estar, ou estabelecer ou criar uma sintonia com a poética textual.

Em *Bichos* (2009), o texto de Ronaldo Simões Coelho encontra na ilustração de Ângela Lago (1945) os mesmos elementos fundadores da

poética textual, ou seja, a leveza, a exatidão e a liberdade, criando-se, assim, a escrita e a escuta específica do livro que faz da linguagem o seu território. Aliás, estudando a obra de Ângela Lago, Lajolo (2010, p. 103) destaca a “função narrativa da imagem” que se trata de um aspecto recorrente da obra de Ângela Lago. Portanto, trata-se de um projeto que seduz, encanta e provoca à altura do desafio assumido por Ronaldo, de seu neto, Gabriel: “Ô vô, por que você não escreve um livro sobre os bichos que têm aqui no sítio?” E, Ronaldo foi ouvir os bichos: ouvi-los de memória, ouvi-lo, novamente, conviver com a escuta destes seres até ser capaz de, enfim, por o livro nas mãos de Gabriel, que vai parar nas mãos de Olga que sabe que o livro agora é dela e de cada leitor também.

Quando começo a ler o livro *Bichos*, desde a primeira vez até agora que já nem sei contar exatamente quantas vezes se passa que ainda continuo lendo-o, vem-me ao pensamento a referência a um texto de Gilles Deleuze (1925) “O que as criança dizem”, do livro *Crítica e clínica* (1977) pelo que considero em relação à decisão de Ronaldo de aceitar o desafio proposto pelo neto de escrever sobre os bichos do sítio.

Deleuze afirma que “a criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer” (1977, pg. 9) e completa, chamando a atenção para a necessidade de lhes seguir as linhas de fuga, o traçado dos mapas, sem interpretá-las, apenas ouvi-las e lhe seguir as linhas de fuga. Gabriel não quer e nem pede nada estranho ou absolutamente novo ao avô, mas apenas que escreva sobre os bichos que há no sítio, que ele vê, escuta, toca, de que se afasta. Os bichos da vida diária do sítio. Quer estender um mapa para incluir nesta cartografia nova o mundo dos bichos – a escrita e a escuta deles – nos casos do avô. Quer incluí-los no mundo das palavras. O que as palavras têm que o menino quer dentro delas os bichos do sítio?

Ora, quando Ronaldo diz que “a sabedoria das crianças é a coisa mais encantadora que existe” e, sobretudo, quando em *Bichos* (2009) confessa ter escrito o livro sob a sugestão, o pedido de seu neto, põe em evidência, este adulto capaz de ouvir a criança sem interpretá-la; ouvi-la não

para interpretá-la, mas para lhe seguir as linhas de fuga do pensamento e da ação, para simplesmente lhe cartografar as linhas deste mapa proposto. Ronaldo, o narrador que se dispõe a ouvir o neto, a lhe seguir as linhas de fuga sugeridas na leitura dos bichos que estão ali todos os dias, que são olhados, vistos, admirados, temidos, esquecidos por todos que habitam ou transitam pelo sítio, mas que ainda não foram cartografados, não foram escritos, não foram ouvidos, não adentraram o mundo da palavra, da poesia pelo que são simplesmente, sem nenhum peso interpretativo.

Não se pode separar no livro *Bichos* o texto, de Ronaldo, da ilustração, de Ângela Lago, porque, ainda que sobrevivam, como podem sobreviver, isolados não mostram, não contam, não narram, não ilustram, não dão conta da cartografia das linhas de fuga que o projeto de Gabriel exige. E, portanto, não acenam para o texto na totalidade que forma o livro, espaço textual, que se quer como espaço de cruzamento, de encontro com o sítio das múltiplas vozes que por ele transitam. Desse modo, a ilustração corrobora a mesma inovação de texto de Ronaldo – ouvir a criança, seguir-lhe as linhas de fuga do pensamento e da ação, abdicando-se do peso das linhas fixas dos caminhos e dos desenhos já feitos para se aventurar pelas incertezas, pelo devir, pela multiplicidade de linhas de fugas propostas pela criança.

Desse narrador, ambos, neste caso: o que tece, fia o texto tanto quanto o que tece, fia as linhas do desenho, inspirados ou à maneira do aprendizado com as aranhas fiadeiras, exige-se a capacidade de reaver, no adulto, a criança que ouve, brinca, conta, imagina, cria, desenha, inventa a partir do olhar, da sabedoria, da compreensão, da inspiração, da própria cartografia das linhas de fuga que são comuns à criança que sugere, bem como à “criança” a quem é dada a narração. O que é absolutamente diferente de uma visão, de um olhar, de um gosto, ou de um gesto imposto pelo adulto empenhado no afã de ensinar, interpretar, impor o seu mundo, a sua leitura do mundo. Em *Bichos*, ao contrário, narra-se para dar voz, para dar asas, para dar liberdade à imaginação.

A linguagem que se mostra é um dos aspectos fundamentais de *Bichos*, cujas palavras ganham, na sua relação com a ilustração de Ângela Lago, uma leveza, uma exatidão, um tom, um passo, um mover-se sob medida à imaginação da criança, chegando-se a um grau por excelência de simplicidade. O que mais encanta a criança em *Bichos*, certamente é a simplicidade da meada dos fios do texto com as linhas de fuga da ilustração. A simplicidade é o grau maior das artes. O verdadeiramente artístico é por essência simples. Por isso não se pode confundir simplicidade com facilidade. Além disso, a simplicidade acena também para a multiplicidade: a multiplicidade de linhas, de desenhos, de palavras, de imaginação, de criação, de invenção, de tons de palavras e cores. A multiplicidade que desafia a criança a seguir as linhas que cruzam, habitam e transitam pelo texto.

Outro aspecto inovador de *Bichos* é a absoluta ausência do controle do narrador que se entrega aos movimentos do próprio texto se fazendo pelos labirintos da multiplicidade de caminhos e direções que os próprios bichos encenam pelas trilhas do sítio que fundam as trilhas da narração e da ilustração. O narrador não conta para impregnar a criança de uma ideia que ele acha que ela precisa adquirir, ouvir, ver, experimentar, até porque narra não a partir de si, mas da própria criança que provoca a escrita e a ilustração. Antes, narra para que a voz da criança trace as linhas por onde a narrativa deve ser tecida.

Daí a leveza e a multiplicidade dessa escrita – rizoma de bichos na linguagem, povoando as páginas e a imaginação.

Neste sentido, pode-se dizer como Paiva e Oliveira (2010, pg.28) que “o livro infantil só será considerado literatura infantil mediante a aprovação natural da criança. Para isso o livro precisa atender as necessidades da criança que seriam: povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir e, por último, sem imposições, educar e instruir”. Ou ainda, que a literatura corrobora o desenvolvimento do potencial crítico da criança.

Adriana Lisboa (1975), autora brasileira contemporânea, que também publicou *Língua de trapos* (2005) e *A sereia e o caçador de borboletas* (2001), ambos direcionados ao leitor infante-juvenil, diz-me uma vez que “um bom livro é o que nos provoca a escrever”. Sim, a escrever, a imaginar, a criar, a inventar – todas estas potencialidades ligadas à provocação do bom texto – e não a nos tornar meros repetidores de formas, de narrativas, de concepção de mundo. Daí Ronaldo se sentir provocado pelo texto de seu neto, que por sua vez é provocado pela escrita de seu avô, como pelos desenhos de Ângela Lago, na criação, na apreensão das multiplicidades que estão tanto na poesia, nos textos, como na ilustração, como nos caminhos do sítio povoados de bichos, quanto no olhar crítico da criança que ao reler o mundo sob o seu ponto de vista, acende, faz arder dentro da palavra todas estas vozes que podem até ser as mesmas vozes que são ouvidas diariamente no sítio, mas, ao mesmo tempo, são absolutamente diferentes.

Outro aspecto para o qual *Bichos* – o texto e a ilustração – acena é a questão da linguagem como espaço de liberdade, como ressaltam Paiva e Oliveira (2010, pg. 33) “que prima pela imaginação e prazer”. E exatamente por este privilégio que o pensamento crítico se faz.

Bichos praticamente nos põe em movimento, em sintonia com o movimento das linhas de deslocamento como se nos fosse impossível ficar fora do texto, fora do sítio apenas observando a história diária dos bichos, sem nos associar a eles, sem desejar, sem nos esforçar por ouvi-los, por lhes seguir as linhas de fuga, sem nos mover pelo sítio. Além do que, outro dado importante é que, ao contrário do nosso afã contemporâneo pelas cidades, de modo especial pelas cidades grandes, *Bichos* nos coloca de volta nos trilhos e nas trilhas das pequenas cidades, dos sítios ao redor das cidades, onde a vida pulsa e se escreve de outro movimento, de outro tempo, de outra escrita, de outra escuta.

Esse movimento inaugura, por assim dizer, ou reafirma outro movimento que é a proximidade textual de *Bichos* com a oralidade, comum

aos casos contados, por vezes, pelo próprio narrador, e por outros contadores também. Volve-se à origem da própria narrativa, que nasce desse “contar” coloquial, ou seja, a palavra se desloca do seu *status* contemporâneo em direção à sua origem, onde o nome (a palavra) confundia-se praticamente com o ser (objeto). Uma assepsia da metáfora pela leveza da palavra-coisa, da palavra-bicho, da palavra-ser. Daí a força da ilustração, exatamente, em função da multiplicidade que significa o texto oral, que pode ser verbal e não verbal.

No âmbito dos deslocamentos e do trilhar destas linhas de fuga, em trânsito pelo texto territorial de *Bichos*, cruzam-se uma série de relações que envolvem tanto a poesia/sítio, quanto narrador (Ronaldo)/ilustradora (Ângela Lago).

Da relação poesia/sítio destacam-se: a simplicidade, como fundamento tanto da vida no sítio, com valorização das coisas, dos seres e do tempo simples quanto da escolha da poesia que é a linguagem mais próxima possível de seu estágio original; a opção por colocar em evidência, por privilegiar tanto na escrita quanto na escuta não os barulhos, por vezes sem signo, da cidade grande, nem o território canonizado dos grandes textos, antes, quer ouvir, seguir, estender a visibilidade às cores, às vozes, à invisibilidade tanto da vida diária do sítio quanto da multiplicidade que caracteriza a linguagem poética; a economia que implica o ser com pouco, com as pequenas coisas, como a poesia enquanto linguagem que diz com pouco, que faz e se move no silêncio, nos interstícios das palavras, diz com o mínimo de palavra, de verbo, diz pela substantivação do mundo e da linguagem; e, por fim, o caráter de humor com que tanto a vida no sítio quanto linguagem poética marca a escrita e a escuta de *Bichos*.

Por outro lado, da relação entre narrador (Ronaldo)/ilustradora (Ângela Lago), ambos confessadamente herdeiros da tradição das aranhas bordadeiras, apresentam alguns pontos de conexão como o tecido (texto) para o escritor/poeta e o tecido (textura/pintura) para a ilustradora/poeta; o escritor/poeta borda fios com a palavra e por ela tece linguagem poética; a

ilustradora/poeta borda fios a pincel e tinta e por eles tece imagem poética, outra linguagem, outro signo poético, alheio à palavra, mas igualmente fundadora de linguagem.

Assim, desvela-se o sítio, saído dessa meada de fios que misturam a tradição da aranhas bordadeiras com a avó que tecia diante dos olhos incrédulos do menino que não acreditava no ensino das aranhas, com o escritor/poeta – menino que descobriu e agora sabe mais tarde a tradição dos bordados ditados pelas aranhas à avó – que tece fios de textos na linguagem usando a palavra como laço de meadas, como conexões de rizomas de linguagem, e, enfim, com a ilustradora/poeta que fia imagens inventando os bichos pelas páginas, cosendo a tinta entre as pegadas dos bichos, as vozes, as cores, os barulhos, o silêncio, refazendo, bordando de novo o encantamento que há no sítio e que o menino olha, deseja e quer convencer ao avô à sua escrita e escuta.

Tem-se, então, o que Gabriel mais queria que o avô escrevesse: a escrita e a escuta dos bichos como: a minhoca que pensa a ponto de confundir um prego enferrujado com possível fóssil de um parente dela; a aranha, que é o bicho que mais fascina o menino, o poeta e a ilustradora, posto que abre rizoma de sua tradição de bordado tanto para os forros que continuam cobrindo as mesas das cozinhas de Minas quanto para a escrita e os desenhos numa festa sîgnica entre teia, tecido, texto, textura; as formigas cortadeiras que andam sem parar, de lá pra cá, num cochicho ininterrupto entre elas e quase se pode ouvir, de ouvidos postos à página, o cicio das formigas; as borboletas que são flores voadoras enfeitando o dia; o gafanhoto que aparece na página como modelo, exibindo-se todo em verde como se fosse uma folha e a folha acha que ele morre de inveja dela e por isso se veste assim à sua semelhança; o trambolhado do besouro complicado com sua performance corporal batendo e zumbindo pelas paredes; o lagarto tíu que ludibria a galinha, roubando-lhe o ovo e ela se acha uma caduca por não se lembrar onde pôs o ovo; a abelha sobrenatural, caída do céu só para fazer mel; o morcego no seu repouso merecido; o caxinguelê que não tendo

asas dá seu jeito de alcançar seus objetivos; as jabuticabeiras apinhadas de flores, sabor e das canções trazidas pelos pássaros que vêm-se alimentar à sua sombra; as mariposas que transformam as janelas de vidro em mostruários; os sapos engraçados colhendo mosca à distância com a língua; as pererecas barulhentas, grudentas, pequenas bailarinas; o tatu que se encontra com outro tatu e falam entre si – como tá tu cara de tatu?; o pica-pau fazedor de cócegas nas árvores; o tico-tico irado com o mico de olho grande no seu ninho; as lagartixas paráliticas, estáticas como tatuagem nas paredes; a irritação dos grilos que se calam dentro de outra voz quando não é a dele que canta; e, por fim, a turma toda envolvida na escrita e na escuta das linhas do livro – Ronaldo Simões Coelho, Gabriel, Ângela Lago, Olga e o leitor.

Por fim, *Bichos* é de verdade uma festa signífica para a literatura. Faz-se, tece-se nele toda uma poética que inclui, como único texto, a poesia de Ronaldo Simões Coelho e a ilustração, não menos poética, de Ângela Lago.

Ronaldo tem repetido reiteradas vezes que:

A infância é a parte mais importante da vida. A criança que a pessoa conserva dentro de si permite que ela se transforme num artista, num ser criativo. Se ela se esqueceu dessa criança, ela será um ser qualquer, um ser que vai aproveitar o que o artista vai escrever pra ele, já que ele não escreve, o que o artista pinta para ele, já que ele não pinta. Toda obra artística nos emociona porque ela está dizendo alguma coisa que a gente gostaria de ter dito, mas não sabe como dizer, então nós nos identificamos com esse artista e ele diz alguma coisa que vai bater nas nossas emoções.

E encerra:

A gente não parou de brincar porque ficou velho, a gente fica velho porque parou de brincar. Então brincar continuou sendo a parte da infância de cada um. Se vocês imaginarem, todos os grandes artistas do mundo sejam pintores, escultores, músicos estão sempre se referindo à infância deles.

Referências

COELHO, Ronaldo Simões. **Bichos**. Ilustração de Ângela Lago. Belo Horizonte: Aletria, 2009.

CORDEIRO, Leonardo, Entrevista com Ronaldo Simões Coelho. Disponível em <www.leonardocordeiro.blogspot.com.br>. Acessado em 6 de agost. 2012.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira e estudos literários. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n.36, Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 97 – 110.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4v.4 n.7, p. 22-36, jan-jun, 2010.